
ENTRE O OCIDENTE E A RÚSSIA: DINÂMICAS INTERNAS UCRANIANAS NAS LUTAS GLOBAIS HEGEMÔNICAS

BETWEEN THE WEST AND RUSSIA: UKRAINIAN INTERNAL DYNAMICS WITHIN GLOBAL HEGEMONIC STRUGGLES

DOI: 10.5380/cg.v13i1.92715

Felipe Costa Lima¹

Resumo

Este artigo examina as dinâmicas internas da Ucrânia na Guerra Russo-Ucraniana sob uma perspectiva neo-Gramsciana, destacando como clivagens étnico-regionais e econômicas, além do papel dos clãs oligárquicos, moldam o conflito. Explora-se ainda a influência mútua entre fatores transnacionais e realidades locais, evidenciando as conexões entre divisões internas e interesses de potências globais, como Rússia e União Europeia. A análise ilumina como estruturas econômicas e disputas hegemonicais interagem para perpetuar conflitos em contextos periféricos, contribuindo para discussões teóricas e abordagens analíticas mais abrangentes.

Palavras-chave: Guerra Russo-Ucraniana; Lutas Hegemônicas; Donbass; Clãs Oligárquicos.

Abstract

This article explores Ukraine's internal dynamics in the Russo-Ukrainian War through a neo-Gramscian lens, emphasizing the interplay of ethnic-regional cleavages, economic disparities, and oligarchic clans in shaping the conflict. It further examines the reciprocal influence between transnational forces and local realities, demonstrating how internal divisions intersect with the strategic interests of global powers such as Russia and the European Union. The analysis underscores the interaction between economic structures and hegemonic disputes in perpetuating conflicts in peripheral contexts, contributing to broader theoretical discussions and comprehensive analytical approaches.

Keywords: Russo-Ukrainian War; Hegemonic Struggles; Donbas; Oligarchic Clans.

¹ Pesquisador na Universidade de Luxemburgo. Doutor em Direito Internacional pela Universidade de Estrasburgo, França. Doutor em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, felipe.costalima@uni.lu, <https://orcid.org/0000-0001-6390-3950>.

1. INTRODUÇÃO

Embora os embates entre o Ocidente² e a Federação Russa sejam fundamentais para explicar a Guerra Russo-Ucraniana, outros aspectos devem ser considerados para uma compreensão holística do conflito, como as divisões internas na Ucrânia. Acreditamos que duas bases explicativas devem ser consideradas: as disparidades étnico-ideacionais e econômicas entre as regiões ucranianas e as divisões entre os clãs oligárquicos do país. A investigação sugere que a unidade da Ucrânia só seria possível por meio de uma política pragmática entre o Ocidente e a Rússia, mas pressões externas aprofundaram as clivagens internas, levando à guerra. A fim de compreender as dinâmicas internas da Ucrânia e suas interações globais, este artigo adota uma abordagem qualitativa baseada na análise de fontes primárias e secundárias, como relatórios, documentos históricos e estudos acadêmicos. As ideias teóricas da Economia Política Internacional, especialmente a vertente neo-Gramsciana, são empregadas como lente analítica para interpretar as relações dialéticas e complexas entre o contexto interno ucraniano—incluindo as diferenças de classe e étnicas—e os interesses estatais e transnacionais que influenciam o país. Dados sobre a composição étnica e econômica da Ucrânia também são incorporados para fornecer uma perspectiva mais ampla e detalhada sobre as dinâmicas do conflito Russo-Ucraniano.

Os conceitos de hegemonia, revolução passiva e desenvolvimento desigual serão as raízes das nossas preocupações. Adam Morton (2007, p. 149-152) explica que a hegemonia consiste na capacidade de camuflar o poder dentro da sociedade civil, infiltrando-se de forma capilar por meio de “infusões sociais” como a escola e a família. Esse processo leva os cidadãos a aceitar a realidade vigente como algo natural, transformando-a em senso comum. A estrutura e a superestrutura, nesse sentido, desenvolvem-se reciprocamente por meio de relações dialéticas entre fatores econômicos e socioculturais. O conceito de Revolução Passiva está ligado a esse fluido e complexo conceito de hegemonia, expondo o potencial predomínio de determinados Estados e/ou de forças transnacionais na transformação de determinados territórios.

Compreender as complexas relações entre territórios, estruturas econômicas e sociais e a ordem geopolítica é essencial para analisar as Revoluções Passivas e seus

² Neste artigo, a expressão Ocidente refere-se aos EUA e à União Europeia, embora compreendamos que esse conceito é muito mais abrangente.

singulares processos de internalização capitalista. Cada Estado, enraizado em sua própria dinâmica política, social e econômica, tem historicamente incorporado diferentes experiências internacionais. Dessa forma, ainda que forças transnacionais moldem processos de transformação dos Estados, os Estados-nação e as classes nacionais continuam relevantes, na medida em que fazem parte das complexas e fluidas relações necessárias para a compreensão da realidade. Isso implica que os Estados ao redor do mundo têm seguido trajetórias singulares de interações, tendo, consequentemente, processos de “Desenvolvimento Desigual”. Por meio dessas distintas relações entre Estados-nação, classes sociais internas e forças transnacionais, surgem diferenças estruturais significativas dentro da ordem mundial (GRAMSCI, 2002, p. 181-188, Caderno 114).

A Escola de Amsterdam (RAMOS, 2020, p. 266, 270-271)³ supera o fetichismo atribuído ao Estado por algumas escolas neo-Gramscianas, focando-se no estudo das classes capitalistas transnacionais (ver GILL, 2003, p. 131-132). De acordo com Van der Pijl (2005, p. 65-97), o processo de transnacionalização da classe capitalista, por meio especialmente das relações privilegiadas entre as classes capitalistas ocidentais, criou interesses mútuos e consolidou divisões de classes específicas nesses Estados. Diferentemente, Estados Contestadores têm dificuldade de autonomia no desenvolvimento *catch-up* com o Ocidente, uma vez que sofrem intensas pressões por periferização. Especificamente, as classes estatais periféricas sofrem uma exposição maior a lutas de classe, já que devem não apenas competir entre elas, mas também com a classe burguesa transnacional, a fim de estabelecer autarquias econômicas e culturais próprias, que podem ser benéficas ou não para o conjunto da sociedade. Tal entendimento parece indispensável a fim de compreender a intrincada situação ucraniana atual, especialmente desde 2014.

O estudo está organizado em quatro seções principais. A primeira seção discute as clivagens étnicas e regionais da Ucrânia, explorando as disparidades históricas e geográficas. A segunda seção foca nas disparidades econômicas entre o Leste e o Oeste ucraniano, detalhando as conexões internacionais. Na terceira seção, analisamos o papel dos clãs oligárquicos na política ucraniana, com destaque para suas relações com atores

³ Tendo como base a classificação de Owen Worth e as ideias de Jonathan Pass, Leonardo Ramos (2020) divide as influências neo-Gramscianas em quatro principais escolas: Italiana, Amsterdam, Cultural e Filológica. Embora esse debate seja importante, não nos preocuparemos com ele e aplicaremos diretamente as ideias da Escola de Amsterdam neste artigo.

transnacionais. Por fim, a última seção examina o impacto dessas dinâmicas internas e externas no contexto do conflito Russo-Ucraniano⁴.

2. PERSPECTIVAS REGIONAIS DA UCRÂNIA NA ENCRUZILHADA ENTRE O OCIDENTE E A RÚSSIA

As discrepâncias regionais no seio do Estado ucraniano referem-se tanto ao contexto étnico-ideacional quanto ao econômico.

2.1 CLIVAGENS ÉTNICO-IDEACIONAIS: ENTRE O MONISMO E O PLURALISMO

As especificidades regionais e ideacionais das diferentes regiões ucranianas ajudam a compreender o atual conflito, sem, contudo, serem determinísticas. A teoria neo-Gramsciana sugere que forças transnacionais e elites internas moldam as divisões culturais e sociais dos Estados periféricos. Nesse sentido, a hegemonia cultural e econômica exercida pela União Europeia (UE) e pela Rússia sobre a Ucrânia não se dá de forma unilateral, mas em um constante processo de negociação com as forças internas ucranianas, em um movimento dialético contínuo que molda o destino do país. Antes de analisar as disparidades econômicas entre as regiões da Ucrânia e as diferentes relações das elites nacionais ucranianas com a UE e a Rússia, torna-se essencial compreender as distintas concepções étnico-nacionais presentes no país. Esse entendimento é um elemento central para explicar o contexto da atual Guerra Russo-Ucraniana.

Segundo Van der Pijl (2016, p. 11-16), o nacionalismo monista busca centralização cultural e política, muitas vezes associado ao Ocidente burguês. Já o pluralismo, inspirado pelas práticas soviéticas, promove igualdade e autonomia étnico-nacional, com repúblicas autônomas e reconhecimento de grupos minoritários (ver SAKWA, 2016, p. 18-25). Essas perspectivas coincidem com as clivagens históricas e étnicas do seu território. O Oeste ucraniano, historicamente ligado ao Império Austro-Húngaro e à Polônia, passou a integrar a União Soviética apenas em 1944. Já o Leste e o Sul foram anexados pelo Império Russo

⁴ É importante salientar que, considerando que o foco deste artigo é examinar as bases explicativas para o conflito que se desenrola desde 2014, as atualizações econômicas e populacionais mais recentes serão levadas em conta, mas apenas para projetar mudanças e possíveis cenários de recuperação no período pós-conflito, portanto, não fazendo parte do escopo do artigo.

entre os séculos IX e XVIII, refletindo nas atuais diferenças linguísticas e étnicas (SAKWA, 2016, p. 12-13):

Conforme o censo de 2001 (UKRAINE)⁵, a população ucraniana era de 48,4 milhões, com 17,3% de russos étnicos e 77,8% de ucranianos. A língua ucraniana era falada por 67,5%, e o russo por 29,5%. Os russos étnicos estavam concentrados no Leste e Sul, com maiores proporções em Lugansk (39%) e Donetsk (38,2%). Quanto ao idioma, 90,6% das pessoas em Sebastopol, 77% na Crimeia e mais de 50% em Kiev falavam russo. Esses números podem subestimar o uso da língua, especialmente em contextos informais e profissionais (FESENKO, 2015, p. 127). Desde o período soviético, a cada censo, a população russófona crescia no Leste e no Sul, enquanto decrescia no Oeste, particularmente em Lviv (KOLSTOE, 1995, p. 173). Essas mudanças reforçam as visões divergentes sobre identidade nacional. Os monistas, predominantes no Oeste, defendem uma cultura autóctone; já os pluralistas, mais comuns no Leste, enfatizam raízes comuns com povos eslavos (SAKWA, 2016, p. 18). As divisões políticas ucranianas parecem respeitar, de maneira relativa, essas clivagens étnicas e linguísticas.

Diferenças étnicas e linguísticas têm influenciado na profunda divisão política desde o processo de independência ucraniano. Nas regiões onde predominam falantes da língua ucraniana e ucranianos étnicos, vota-se por candidatos que defendem laços mais estreitos com o Ocidente e com uma retórica mais nacionalista, enquanto nas regiões com grande quantidade de falantes da língua russa e russos étnicos, vota-se por candidatos que advogam relações mais próximas com a Rússia (PIJL, 2016, p. 17; SAKWA, 2016, p. 51). Essas estruturas restringem, mas também proporcionam oportunidades, as quais podem ser expandidas ou limitadas conforme as escolhas dos agentes envolvidos nos processos históricos. O separatismo não era a principal opção defendida pela população do Sul e do Leste da Ucrânia; na realidade, anseios por autonomia regional eram o foco.

Consoante uma pesquisa do Pew Research Center (PWC), de maio de 2014 (p. 8, 11, 14), 70% dos ucranianos do Leste queriam que a Ucrânia continuasse intacta, inclusive 58% dos falantes de russo. Na realidade, o grande descontentamento dos habitantes das regiões mais ao Leste se referia ao governo central e à supercentralização do poder estatal

⁵ O último censo realizado na Ucrânia foi em 2001. Desde então, o país tem repetidamente adiado a realização de um novo recenseamento populacional.

em Kiev. Além disso, essa pesquisa demonstra que não havia uma preferência excessiva da população ao Leste pela Rússia: 30% dos habitantes desejavam laços mais fortes com a Rússia, 21% com o Ocidente e 35% com ambos. Nesse mesmo contexto, em pesquisas realizadas pelo Razumkov Centre, em 2005 e 2006, cerca de 64% dos habitantes do Leste responderam positivamente às questões referentes aos seus sentimentos de pertencimento à Ucrânia (in FINNIN, 2014). Portanto, “qualquer divisão simplista do país em um oeste nacionalista, um leste “pró-russo” e um centro patriótico não consegue captar o complexo padrão de respostas ao colapso do Estado ucraniano” (SAKWA, 2016, p. 149). A deposição de Yanukovych em 2014, somada à ausência de diálogo com as regiões Leste e Sul sobre questões de autonomia e federalização, e ao ressentimento gerado pela tentativa subsequente de retirar o status do russo como língua regional, foram fatores cruciais para o início do conflito (ver JACKSON, 2014).

Além das disparidades étnico-ideacionais, podemos também citar as diferentes percepções das regiões ucranianas a respeito do legado soviético. A região Oeste vê a ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) como uma potência ocupante do seu território, diferentemente das regiões Leste e Sul, na qual o sentimento de pertencimento era muito mais profundo (SAKWA, 2016, p. 24). Além disso, conforme Simon Clarke (1995), embora o neoliberalismo tenha destruído a base produtiva das ex-repúblicas soviéticas por intermédio de um processo que David Harvey (2005, p. 159) chama de “Acumulação por Espoliação”⁶, ideias e hábitos soviéticos permaneceram, principalmente no Leste e Sul ucranianos. Van Hans Zon (2007, p. 392) segue uma linha de pensamento parecida ao expor que existe um orgulho muito profundo da classe mineira e da população de Donbass⁷ com relação às especificidades da região. Essa localidade era considerada como o coração e a base de sustentação do poder econômico soviético, percepção que influenciou a forte identidade e orgulho regional.

⁶ Esse fenômeno, muito comum em países com economias previamente socialistas, significou uma força pró-capitalista que expandiu a proletarização da força de trabalho mediante a quebra de relações produtivas. Tal expansão referiu-se, por exemplo, à venda de empresas estatais a entes privados e à profunda diminuição na quantidade para a agricultura de subsistência.

⁷ Donbass compreende uma região histórica, geográfica e cultural do extremo leste da Ucrânia e sudoeste da Rússia.

TABELA 1. CLIVAGENS REGIONAIS NA UCRÂNIA

Aspectos	Oeste da Ucrânia	Leste e Sul da Ucrânia
<i>Integração à Rússia</i>	Século XX (1944, durante a Segunda Guerra Mundial)	Entre os séculos IX e XVIII
<i>Concepção étnico-nacional predominante</i>	Nacionalismo Monista	Nacionalismo Pluralista
<i>Língua predominante</i>	Ucraniano	Russo
<i>Percepção da URSS</i>	Potência ocupante	Orgulho e pertencimento

FONTE: Desenvolvida pelo autor.

O Banco Mundial (2022) estimou que a população da Ucrânia seria de aproximadamente 37 milhões de habitantes em 2023, excluindo a Crimeia e Sebastopol. Esse número já reflete os efeitos combinados do conflito armado e da emigração em massa. Essa redução poderá gerar impactos demográficos significativos a longo prazo, incluindo uma diminuição drástica na população russófona do país. Além das anexações de áreas densamente habitadas por russófonos promovidas pela Rússia, o sentimento antirruso, intensificado e persistente desde 2014, pode levar a uma emigração crescente dessa população em outras regiões da Ucrânia. É crucial salientar que aspectos econômicos específicos também influenciaram as disparidades regionais e, consequentemente, o conflito hegemônico atual.

2.2 DISPARIDADES ECONÔMICAS: AGRICULTURA DE EXPORTAÇÃO E INDÚSTRIAS PESADAS

As relações econômicas ucranianas antes de 2014, particularmente suas exportações, eram diversificadas e, portanto, não possuíam parceiros excessivamente dominantes. No entanto, a estrutura dessas exportações reflete de maneira clara as disparidades regionais internas e as ligações diferenciadas com a Rússia e a UE. Como ilustração, um relatório da *Trading Economics* aponta que, antes dos protestos de 2014, dois blocos de países — a Comunidade dos Estados Independentes (CEI) e a UE — tinham relevância quase equivalente nas exportações ucranianas. Contudo, as cadeias de produção vinculadas a essas exportações apresentavam diferenças qualitativas

significativas. Conforme o relatório *How to Stabilise the Economy of Ukraine*, o conjunto regional do Leste da Ucrânia possui historicamente um modelo de desenvolvimento distinto das demais regiões do país, devido à sua economia fortemente baseada em indústrias pesadas e setores de exportação de maior valor agregado (ADAROV; ASTROV; HAVLIK; HUNYA et al., 2015, p. 36-39, 66-68). Essas diferenças econômicas, ligadas à estrutura de produção e à presença de diferentes atores externos, refletem a persistente divisão política e ideológica entre as regiões ucranianas, e como as pressões externas amplificam essas disparidades.

Mais especificamente, a região de Donbass tem sido tradicionalmente considerada o principal polo econômico-industrial da Ucrânia, contribuindo com 16% do Produto Interno Bruto (PIB) e 27% da produção industrial. Em 2007, considerando apenas as províncias de Donetsk, Lugansk, Dnipropetrovsk e Zaporizhzhya, estas abrigavam 27% da população ucraniana, mas respondiam por impressionantes 55% das exportações totais do país (SAKWA, 2016, p. 149; ZON, 2007, p. 394). De maneira diversa, o conjunto regional ocidental da Ucrânia é especializado nas indústrias alimentícias e leves, além da agricultura, processamento de alimentos e indústrias madeireiras. Não por acaso, essas são as regiões que têm sofrido menos economicamente por causa do conflito civil iniciado em 2014 e pela Guerra Russo-Ucraniana desde 2022.

Essas distintas estruturas de cadeia de produção estão ligadas mais profundamente a diferentes atores internacionais. As empresas do Leste ucraniano exportam matérias-primas e produtos de maior valor agregado para a Rússia, especialmente para suas indústrias espaciais e de defesa, remanescentes dos laços soviéticos. Redirecionar essas exportações para outros mercados representaria um grande desafio, dado que a competitividade internacional dessas empresas é limitada fora desse contexto. No mercado russo, contudo, essas empresas conseguem manter uma posição competitiva, principalmente devido à existência de infraestruturas já consolidadas. Nesse sentido, a política de suspensão da cooperação militar entre Rússia e Ucrânia, implementada pelo governo de Kiev em 2015, teve impactos profundamente negativos na economia do Donbass (LEONARD, 2015). Isso ocorre porque os sistemas e equipamentos produzidos na região são projetados especificamente para atender às demandas do mercado russo e não podem ser adaptados ou vendidos de imediato para outros mercados. Ademais, os produtos do Leste ucraniano enfrentam baixa competitividade no mercado da União

Europeia, dado que as cadeias de produção locais não são complementares às estruturas econômicas europeias (ADAROV; ASTROV; HAVLIK; HUNYA et al., 2015, p. 36-39, 66-68).

As regiões ocidentais da Ucrânia têm maior integração econômica com países fronteiriços da UE, como Polônia e Romênia. Até 2021, as exportações para a UE concentravam-se em produtos primários de baixo valor agregado, como cereais, madeira e minério de ferro (TRADING ECONOMICS, 2020). A indústria de biocombustíveis da UE depende tanto de matérias-primas domésticas como daquelas importadas, tendo importado 20% das matérias-primas para o etanol e 40% daquelas para o biodiesel. Mediante alguns estudos, como o *Market Scan Bioenergy Ukraine* realizado pelo governo dos Países Baixos em 2009, recomendou-se que a UE importasse matérias-primas da Ucrânia e oferecesse tecnologia e conhecimento em troca. Assim como os russos, Bruxelas era obrigada a lidar com os oligarcas ucranianos, dado que o processo de acumulação por espoliação transformou grande parte da agricultura de subsistência e das fazendas coletivas soviéticas em propriedades privadas, controladas principalmente por *Agroholdings* que integraram as terras primeiro de forma horizontal (o controle da terra) e depois verticalmente (conglomerados englobando pequenas e médias companhias e suas cadeias de produção) (PLANK, 2016, p. 222-224).

TABELA 2. DIFERENÇAS ECONÔMICAS DOMÉSTICAS NA UCRÂNIA

Aspectos	Regiões Ocidentais	Região de Donbass (Leste)
<i>Principais Setores</i>	Agricultura, alimentos processados	Indústrias pesadas, mineração, manufatura
<i>Exportações Principais</i>	Produtos de baixo valor agregado: cereais, madeira	Produtos de alto valor agregado: aço, máquinas
<i>Laços Comerciais</i>	Conexões econômicas predominantemente com a UE	Parcerias industriais complementares com a Rússia

FONTE: Desenvolvida pelo autor

A partir das descrições supracitadas, podemos afirmar que as disparidades regionais na Ucrânia se relacionam tanto a estruturas como a superestruturas diferentes, às quais se

inter-relacionam de maneira dialética. Por um lado, as regiões mais à Oeste do país, que não foram parte do Império secular russo, tendiam a encarar a URSS como uma potência de ocupação e adotaram uma retórica mais pró-Ocidente desde a independência formal do país na década de 1990, o que foi impulsionado pelas relações econômicas previamente existentes e posteriormente fortalecidas. Diferentemente, as regiões mais ao Leste e ao Sul do novo Estado ucraniano, que foram partes do Império Russo, aceitavam e entendiam ser parte plena e indispensável da URSS, adotaram retóricas e práticas culturais mais ligadas a ex-URSS e contemporaneamente à Federação Russa e têm sua estrutura econômica mais vinculada às cadeias de produção de Moscou. Essas distinções se atrelam dialeticamente aos contrastes ideacionais dos nacionalismos monista e pluralista, os quais são respectivamente mais dominantes no Oeste e no Leste-Sul ucranianos. Nesse sentido, as clivagens étnico-ideacionais e as disparidades econômicas entre as regiões ucranianas devem ser analisadas de forma inter-relacional e historicamente contextualizadas para possibilitar uma compreensão mais ampla do atual conflito hegemônico.

O Estado-nação ucraniano, fundado na década de 1990, distingue-se profundamente das estruturas nacionais às quais a Ucrânia pertenceu no passado. Como exemplo, a superestrutura soviética alternou entre projetos de pluralismo profundo dentro do Estado, com medidas de renascimento cultural e *korenizatsiya* (indigenização) ao encorajar o ensino e a publicação de obras em línguas nativas, e de monismo, privilegiando a centralização cultural ao redor da língua e costumes russos (ver SAKWA, 2016, p. 12). Porém, o nacionalismo cívico representado pela união de proletariado e campesinos tinha uma grande influência na coesão nacional. Quando isso falhava, o aparato coercitivo permitia a continuidade do Estado, mesmo nas áreas onde a superestrutura não alcançava a naturalização hegemônica. A queda da URSS, contudo, tem representado um caos quase contínuo na Ucrânia, na medida em que as novas classes hegemônicas não contam com uma superestrutura bem definida e tampouco possuem alcance nacional. No caso da estrutura, as cadeias de produção e de insumos possuem vínculos profundos com potências estrangeiras, como a Rússia, impedindo uma maior autonomia política da Ucrânia.

Na realidade, como veremos na próxima seção, não há projetos nacionais que possibilitem um efetivo estabelecimento hegemônico via integração produtiva nacional e uma conquista ideológica via pacificação. Nesse sentido, as históricas clivagens culturais,

linguísticas, de pensamento político e econômicas aprofundaram-se com o tempo, tanto em decorrência da Revolução Passiva controlada por facções oligárquicas, sem compromissos ideológicos, quanto pela influência de atores externos desde a independência ucraniana: não há dualidades pró-Rússia ou pró-Ucrânia. Efetivamente, os protestos na Praça da Independência (*Maidan Nezalezhnosti*) em 2014, no centro cívico e coração de Kiev, foram um dos ápices do histórico conflito entre duas culturas, concepções e ideias, e hábitos distintos.

O único projeto hegemônico capaz de preservar a unidade de um país com tantas disparidades dependeria de uma superestrutura pluralista, combinada a uma estratégia de integração das cadeias de produção nacionais e apoiada por uma diplomacia neutra e equilibrada entre a CEI e UE. Em oposição, o projeto que buscou dominar sem se tornar hegemônico, especialmente a partir de 2014, defendia:

- Um nacionalismo monista desvinculado das aspirações dos habitantes do Leste e Sul;
- rompimento político, econômico e cultural com um ator essencial para a estrutura econômica e ideológica dessas regiões, a Federação Russa;
- Uma integração forçada com um ator estruturalmente pouco atrativo e apenas parcialmente relevante em termos estruturais, a UE.

A existência de classes dominantes comprometidas com projetos nacionais autônomos teria dificuldades em manter-se coesa em decorrência das pressões de periferização do ambiente internacional. No entanto, no caso de um Estado Oligárquico como a Ucrânia, tanto a autonomia como a unidade nacional tornam-se ainda mais frágeis, especialmente em um contexto marcado por disparidades prévias tão acentuadas.

3. O PAPEL PARADOXAL DOS CLÃS REGIONAIS NA MANUTENÇÃO DA ESTABILIDADE ENTRE O OCIDENTE E A RÚSSIA

A formação de Estados oligárquicos, tanto na Ucrânia quanto na Rússia, resultou de um processo de acumulação por espoliação, no qual elites econômicas assumiram o controle de recursos estratégicos. Esses grupos exerceram, sobretudo, uma grande influência regional, mas não conseguiram alcançar um nível de dominação em âmbito nacional, seja na Rússia, seja na Ucrânia (GUSTAFSON, 2003, p. 4-6, 8). Sob uma

perspectiva neo-Gramsciana, essas elites têm exercido um papel determinante no destino ucraniano, mediante o controle dos recursos econômicos e ideológicos do país, sem necessariamente obter hegemonia. Nesse contexto, é possível entender como esses clãs regionais, apesar de estarem fragmentados, buscam preservar sua autonomia diante das pressões externas, tanto da UE quanto da Rússia, com o objetivo de consolidar sua própria hegemonia local.

Uma importante distinção entre o caso russo e o ucraniano determinou diferentes caminhos para a evolução desses Estados oligárquicos. Mommen, Valuev e Golunov (2007, p. 358) explicitam que a centralização burocrática soviética, focada em Moscou, foi uma das raízes principais para a opção cesarista de recentralização parcial do poder estatal no governo Vladimir Putin, no fim dos anos 1990, algo que não ocorreu na Ucrânia. Dado que o centralismo burocrático soviético estava excessivamente concentrado em Moscou durante a era da URSS, Kiev não possuía a capacidade estrutural e administrativa necessária para se tornar, de forma imediata, o centro burocrático do país. Como consequência, prevaleceu a formação de sistemas oligárquicos regionais, conhecidos como clãs. Essa característica provém de atributos específicos do Estado soviético, no qual o aparato estatal da República Socialista Soviética da Ucrânia não funcionava como um ambiente mediador entre os anseios das forças políticas e econômicas domésticas e a burocracia de Moscou; na realidade, membros da elite soviética locais tinham acesso diferenciado ao centro decisório.

Por exemplo, conforme Yurchenko (2013, p. 81-82), a maioria esmagadora dos membros do Partido Comunista Ucraniano era oriunda das regiões de Donetsk, Kharkov e Dnipropetrovsk, sendo que mais da metade deles, especificamente, tinha origem nesta última. Além disso, o Partido Comunista Ucraniano frequentemente exercia uma influência que ultrapassava a hierarquia central do Partido Comunista da União Soviética, especialmente em questões relacionadas à gestão regional. Percebe-se, portanto, que os ucranianos do Leste exerciam um papel significativo, não apenas ao dominar o partido regional ucraniano e as questões relacionadas à Ucrânia, mas também na tomada de decisões que impactavam a URSS como um todo. Porém, o processo de Acumulação por Espoliação modificou essa dinâmica.

Após a independência, os novos clãs oligárquicos passaram a depender fortemente de suas bases territoriais e dos interesses setoriais comuns em que atuavam, como os setores metalúrgico e de gás. Isso ocorria porque, individualmente, careciam de força suficiente para operar seus interesses de forma autônoma. Desse modo, as relações entre essas oligarquias, baseadas em fatores regionais e/ou setoriais, tornaram-se fundamentais para a manutenção e a expansão de suas influências, permitindo que transitassem do contexto local para o nacional. Em um regime oligárquico como o ucraniano, as esferas políticas e econômicas estão interligadas, e a classe dominante é fragmentada em frações que competem pelo poder. O poder econômico dos clãs regionais domina o aparato estatal, tornando a cooperação com eles inevitável para atores externos (PLANK, 2016, p. 221).

3.1 CLÃS REGIONAIS E A EMERGÊNCIA DOS CLÃS “FAMILIARES”

Os clãs regionais desempenharam um papel fundamental na política e na economia da Ucrânia pós-soviética, moldando tanto o poder político quanto a organização econômica. Historicamente, o clã de Kiev exerceu pouca influência econômica, mas teve grande relevância política desde a fundação da Ucrânia como Estado-nação, principalmente por meio do Partido Social-Democrata da Ucrânia (United). Por outro lado, o clã de Dnipropetrovsk destacou-se pelo domínio de setores estratégicos, como as indústrias siderúrgica e de distribuição de gás. Sua força política foi impulsionada pela presidência de Leonid Kuchma, que integrava o grupo (MATUSZAK, 2012, p. 14-15). Já o clã de Donetsk consolidou-se como uma força econômica e política organizada, com controle sobre conglomerados de carvão, gás e minério de ferro (ZON, 2007, p. 382-383). Esse clã também foi responsável por figuras políticas de destaque, como Viktor Yanukovych, que liderou o Partido das Regiões⁸ e se tornou presidente da Ucrânia em 2010 (MATUSZAK, 2012, p. 41-42). Além desses três clãs principais, novas frações oligárquicas emergiram ao longo do tempo, como as controladas por Viktor Yanukovych, conhecida como "A Família", e por Petro Poroshenko, cuja base empresarial estava fortemente vinculada à empresa Roshen e outros negócios relacionados à Rússia (PIJL, 2016, p. 35).

⁸ De uma maneira sintética, o Partido das Regiões era a base política do Clã Donetsk, enquanto o Partido dos Trabalhadores e o Partido Social Democrático da Ucrânia (SDPU, em inglês) eram respectivamente bases políticas do Clã Dnipropetrovsk e do Clã Kiev.

A eleição de Kuchma à presidência, em 1994, marcou a consolidação de um sistema presidencial fundamentado na interdependência entre políticos e clãs regionais. Nesse contexto, Kuchma atuou como um mediador entre os diferentes grupos, promovendo alianças estratégicas. Entre 1996 e 2000, o clã de Kiev uniu-se ao clã de Dnipropetrovsk em torno do presidente, ampliando sua influência política (MATUSZAK, 2012, p. 14-15). Durante o governo do primeiro-ministro Pavlo Lazarenko, o clã de Dnipropetrovsk buscou concentrar sob seu controle as indústrias siderúrgica e de distribuição de gás. No entanto, a condenação de Lazarenko por corrupção, culminando em sua prisão nos Estados Unidos em 2006, resultou na fragmentação do clã, que perdeu relevância e abriu espaço para o fortalecimento do clã de Donetsk (PIJL, 2016, p. 24).

Após a fragmentação de Dnipropetrovsk, o clã de Donetsk emergiu como a força política e econômica predominante na Ucrânia. Esse processo foi acelerado pela intensificação da acumulação por espoliação e pelo controle de setores estratégicos do Leste e Sul ucranianos, como a distribuição de gás, liderado por empresários como Rinat Akhmetov (MATUSZAK, 2012, p. 14-15; PIJL, 2016, p. 26-28; ZON, 2007, p. 382-383, 394). Em 1997, Akhmetov influenciou diretamente o presidente Kuchma a nomear Viktor Yanukovych como governador de Donetsk, consolidando o poder do clã na região (WIKILEAKS, 2007). A ascensão de Yanukovych marcou o auge do clã de Donetsk no cenário político ucraniano. Ele foi primeiro-ministro entre 2004 e 2005, e presidente entre 2010 e 2014, período no qual consolidou seu poder e fortaleceu a fração oligárquica "A Família" dentro do clã. Contudo, sua deposição em 2014 abriu caminho para novas configurações de poder (MATUSZAK, 2012, p. 41-42; ZON, 2007, p. 283).

Após a queda de Viktor Yanukovych, Petro Poroshenko assumiu a presidência da Ucrânia (2014-2019), marcando uma nova fase no cenário político do país. No entanto, longe de representar uma ruptura com o sistema oligárquico vigente, Poroshenko perpetuou a continuidade desse modelo. Poroshenko foi um dos fundadores do Partido das Regiões antes de se juntar ao Partido Nossa Ucrânia⁹, em 2001 (CHAPMAN, 2014). O Nossa Ucrânia era composto majoritariamente por representantes da burguesia de

⁹ O Partido Nossa Ucrânia foi um partido político pró-Ocidente fundado na Ucrânia em 2001 por Viktor Yushchenko, que havia sido primeiro-ministro do país entre 1999 e 2001. O partido desempenhou um papel significativo na política ucraniana durante a primeira década do século XXI, destacando-se especialmente durante a Revolução Laranja de 2004.

empresas de médio porte e tinha bases ideológicas bem definidas, ou seja, não poderia ser considerado como um partido oligárquico; contudo, à medida que ganhou importância, começou a atrair representantes de grandes conglomerados locais, como o próprio Poroshenko (MATUSZAK, 2012, p. 20).

Poroshenko desempenhou um papel de destaque na Revolução Laranja, de 2004, mas, com o desgaste do movimento, retornou ao campo de Yanukovych (YURCHENKO, 2013, p. 99). Quando os protestos contra Yanukovych começaram a ganhar corpo, no final de 2013, Poroshenko não estava afiliado a nenhum partido e, por razões oportunistas, apoiou as manifestações pró-europeias, particularmente por meio do canal televisivo que controlava (SAKWA, 2016, p. 65). Uma fração da burguesia ucraniana, incluindo Poroshenko e outros exportadores, enxergava no Acordo de Livre-Comércio assinado com a UE, em 2014, uma oportunidade de lucro, mas também temia a concorrência com multinacionais ocidentais e as consequências de um possível corte de laços com a Rússia (PIJL, 2016, p. 10). Assim como seus predecessores Leonid Kuchma e Viktor Yanukovych, Poroshenko governou protegendo seus próprios interesses, equilibrando concessões e estratégias para preservar a estabilidade oligárquica. Seu pragmatismo político reflete uma dinâmica central do sistema político ucraniano, na qual a liderança preserva a hegemonia dos grandes conglomerados econômicos enquanto adapta suas alianças e discursos às circunstâncias do momento.

Um bloco histórico hegemônico não foi possível na Ucrânia pós-independência, especialmente em decorrência do domínio do aparato estatal por clãs regionais e aqueles criados ou impulsionados por presidentes em exercício. O Estado ucraniano manteve-se por intermédio de excessivos métodos de coerção, no qual frações burguesas lutam e cooperam entre si de maneira fluida e complexa, a fim de manter a estrutura de dominação. Essas classes dominantes têm utilizado as clivagens étnico-ideacionais históricas a seu favor, principalmente para alcançar o poder estatal por meio de eleições periódicas parcialmente viciadas. Somado a isso, através do processo de acumulação por espoliação, os clãs regionais controlaram as cadeias de produção regionais e, a partir delas, buscam expandir seus negócios a outras regiões por métodos ilegais e “legais”, particularmente quando ascendem ao poder presidencial.

Os clãs regionais ultrapassaram os limites regionais e setoriais e passaram a controlar inúmeras atividades ao redor da Ucrânia. É neste ponto que a influência de frações burguesas internacionais, sejam elas a burguesia capitalista transnacional ou as oligarquias russas, tornam-se mais explícitas. Além disso, poderemos perceber que os clãs não tinham interesse numa cisão abrupta ou uma clara preferência nem com a Federação Russa nem com a UE, dado que fazem negócios recorrentes com ambos os atores. Sem contar que desejavam manter autonomia frente à competição com empresas europeias e ao Estado e oligarcas russos. Problemas ideológicos têm menor importância para os clãs regionais, os quais buscam manter e expandir seus negócios internos e o acesso a mercados internacionais (see MATUSZAK, 2012, p. 20, 64). Nesse sentido, o fato de um oligarca como Rinat Akhmetov ter sido membro do Partido das Regiões não implica que ele seja pró-Rússia. Os exemplos a seguir, a respeito do clã Donetsk e seus negócios, deixarão nossos argumentos mais claros.

3.2 OS LAÇOS PROFUNDOS DO CLÃ DONETSK COM O OCIDENTE E A RÚSSIA

Os clãs e seus membros desempenham um papel central na política e na economia da Ucrânia, atuando em setores estratégicos e estabelecendo alianças pragmáticas tanto com a UE quanto com a Rússia. Em particular, o Clã Donetsk se destaca devido à sua forte base econômica no Leste da Ucrânia e às suas relações ambíguas com essas potências globais. Dois conglomerados exemplificam a complexa interação entre os interesses oligárquicos e as dinâmicas globais:

1. Industrial Union of Donbass (IUD) (ver VORONIN, 2010; ZON, 2007, p. 382-388)

- **Fundação:** 1995, por Sergey Taruta, em Donetsk.
- **Setores:** Gás, construção de máquinas industriais, mineração, manufaturas de aço, agricultura e distribuição de energia.
- **Ação Externa:** Operações na Hungria, Polônia e Uzbequistão. Em 2010, suas ações foram adquiridas pela suíça Carbofer, com suspeitas de financiamento estatal russo envolvendo o maior fundo de investimentos de Moscou.

2. System Capital Management (SCM) (MATUSZAK, 2012, p. 54; ZON, 2007, p. 388)

- **Fundação:** 2000, por Rinat Akhmetov.
- **Setores:** Mineração, mídia, telecomunicações, siderurgia e finanças.

- **Ação Externa:** Inclui a aquisição da siderúrgica italiana Ferriera Valsider e parcerias financeiras com bancos ocidentais.

A dependência econômica da SCM e da IUD da Rússia e da UE revela um equilíbrio pragmático: enquanto as cadeias produtivas do Leste dependem das infraestruturas russas, as relações financeiras e industriais do Ocidente ajudam a manter a competitividade global. Nesse sentido, as pressões externas frequentemente forçaram os clãs de Donetsk a fazer escolhas complexas. Por exemplo, Akmetov “recuperou” frente aos russos as empresas Ilych Steel e Iron Works, a fim de manter sua posição dominante sobre o setor metalúrgico ucraniano. Porém, isso não deve ser entendido como uma posição anti-Rússia, na medida em que esse oligarca adotou essas ações por temer uma eventual integração econômica do Donbass à Federação Russa. Dita incorporação poderia colocar em perigo a posição privilegiada dos oligarcas de Donetsk, uma vez que os oligarcas russos, mais ricos que os clãs ucranianos, poderiam dominar os grandes conglomerados da região. Além disso, Akmetov forçou o aparato estatal da Ucrânia a rejeitar a possibilidade de exportação de eletricidade russa por intermédio das redes de energia ucranianas, uma vez que a energia russa é mais barata e competiria com seu conglomerado pelo mercado da UE (MATUSZAK, 2012, p. 73).

Até mesmo a fração burguesa liderada por Yanukovych dentro do Clã Donetsk, frequentemente considerada pró-Rússia, mantinha laços econômicos permanentes com a UE, controlando, por exemplo, plantas químicas na Áustria, e atuando na distribuição de gás na Hungria e na Polônia (MATUSZAK, 2012, p. 18, 52). O setor agrícola, atividade econômica mais conectada às terras do Oeste ucraniano e à UE, tem uma efetiva influência de todos os clãs ucranianos, inclusive daqueles com base em Donetsk. Conquanto a UE tenha entrado no mercado ucraniano, os oligarcas continuam proeminentes em um ambiente de negócios não institucionalizado e sem regras claras. Inclusive, as licenças de exportação estabelecidas em 2006 criaram dificuldades para as empresas europeias, ao mesmo tempo em que beneficiaram companhias públicas e privadas controladas, direta ou indiretamente, pelo clã associado a Yanukovych (PLANK, 2016, p. 224).

TABELA 3. RELAÇÕES DOS CLÃS OLIGÁRQUICOS UCRANIANOS COM RÚSSIA E UE

Aspectos	Relação com a Rússia	Relação com a União Europeia
<i>Motivações Políticas</i>	Apoio financeiro e estratégico para consolidar influência regional	Alianças pragmáticas para acessar mercados e financiamento
<i>Setores Controlados</i>	Energia, siderurgia, indústrias químicas	Agricultura, manufatura leve, infraestrutura financeira
<i>Dificuldades</i>	Risco de domínio por oligarcas russos mais ricos	Concorrência com multinacionais europeias e barreiras regulatórias
<i>Possibilidades</i>	Manutenção de complementaridade industrial e exportação	Acesso a financiamento e expansão para mercados ocidentais

FONTE: Desenvolvida pelo autor

Portanto, os clãs oligárquicos de todas as regiões, principalmente em Donetsk, não tinham razões pragmáticas para romper nem com a Rússia nem com a UE. Pelo contrário, ambos atores eram indispensáveis para a continuidade da característica oligárquica do país e a manutenção do poder desses clãs. Assim, a reputação do Partido das Regiões em serem políticos pró-russos relaciona-se, na verdade, ao suporte financeiro de Moscou e dos oligarcas russos para que o clã Donetsk alcançasse proeminência econômica em algumas áreas, como a das indústrias químicas (MATUSZAK, 2012, p. 18, 52). Por outro lado, o partido Nossa Ucrânia, liderado por Yushchenko, e o círculo político de Poroshenko ganharam a reputação de serem pró-UE. Essa percepção se consolidou durante os mandatos desses dois líderes, quando empresas europeias começaram a expandir suas operações no território ucraniano, especialmente após a entrada em vigor do Acordo de Associação e Livre Comércio entre a Ucrânia e a UE (ver PLANK, 2016, p. 224). Fica evidente, portanto, que os clãs ucranianos, desde a independência, buscavam se desvincilar de ideologias enquanto competiam por influência e predominância no cenário nacional. Essa dependência dialética, em termos neo-Gramscianos, revela uma revolução passiva, na qual os clãs regionais de Donetsk adaptaram-se a pressões externas sem romper com a lógica oligárquica interna:

Anos 1990

- durante o mandato de Leonid Kuchma, os Clãs Kiev e Dnipropetrovsk controlaram o poder central ucraniano;

Início dos anos 2000

- A Revolução Laranja tentou romper com a lógica oligárquica, mas acabou sendo absorvida pela influência dos oligarcas.

2000-2014

- Ascensão do Clã Donetsk, que consolidou poder ao controlar as indústrias pesadas e a distribuição de gás em Donbass;
- Em 2010, o clã alcançou a presidência com Viktor Yanukovych.

2014

- As manifestações de Maidan resultaram na ascensão de Petro Poroshenko, junto com seu clã e outros exportadores agrícolas;
- Estes buscaram lucrar com o estabelecimento da zona de livre comércio entre a Ucrânia e a UE (PIJL, 2016, p. 10; YURCHENKO, 2013, p. 80).

Os grandes conglomerados preocupavam-se tanto com a abertura do mercado ucraniano à competição com companhias estadunidenses e europeias, como com a possibilidade de restrição dos laços entre a economia ucraniana e a Rússia. A explicação do conflito hegemônico, portanto, não passa pelos interesses dos clãs ucranianos, mas por diferentes superestruturas de pensamento domésticas que encontram ressonância direta ou indireta com a UE e a Rússia. Sakwa (2016, p. 125-129, 138-139) e Pijl (2016, p. 62-68) explicitam com argumentos convincentes que os protestos de Maidan tiveram grande participação popular, mas foram encabeçados pela extrema-direita nacionalista ucraniana, a qual adota historicamente posições monistas exacerbadas.

Além disso, o processo constitucional não foi respeitado, uma vez que o parlamento havia destituído os membros da corte suprema e não havia respeitado a maioria de ¾ (três quartos) em ambas as casas, necessária para a concretização do *impeachment* de Yanukovych. Ao vencer as eleições potencialmente viciadas de 2014, a base de governabilidade de Poroshenko estava fundada na aliança entre os radicais monistas, os quais foram absorvidos e passaram a influenciar profundamente as estruturas de segurança ucranianas após os protestos de Maidan, e o sistema burocrático-oligárquico. Consequentemente, a margem de manobra do presidente não era tão vasta como antes, especialmente em um cenário de polarização entre monistas radicais e pluralistas do Leste

e Sul, estes especialmente descontentes com as políticas e retóricas adotadas contra os russófonos.

Nesse cenário, as milícias radicais tornaram-se estruturas de segurança semi-independentes no seio do Estado, possuindo poder de veto sobre a autoridade presidencial em temas de segurança, especialmente com a crise no Leste do país. Embora Poroshenko defendesse a federalização da Ucrânia e a neutralidade entre UE e Rússia como o único caminho aceitável, inclusive quando se dispôs a ser um intermediário entre Rússia e Ucrânia a respeito dos conflitos no Leste (SAKWA, 2016, p. 159-163), a força da virulenta ideologia monista permeou a violenta resposta governamental no Donbass e criou um círculo vicioso de destruição e de mortes nessa região. As dinâmicas étnico-regionais e classistas na Ucrânia, portanto, foram dialeticamente exacerbadas pela influência de forças transnacionais. Isso implica que a compreensão das divisões internas e suas interações com essas forças transnacionais são intrinsecamente vinculadas, configurando um cenário em que as tensões locais não podem ser separadas de interesses e intervenções de atores hegemônicos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As especificidades étnicas, econômicas e classistas da Ucrânia continuam sendo fatores centrais para compreender o conflito que se tornou insustentável a partir de 2014. Ao longo do artigo, demonstramos como as tensões internas, originadas de divisões históricas e regionais, foram exacerbadas pelas forças externas, como a Rússia e a UE, que interagem com essas clivagens para perpetuar o conflito. Por um lado, demonstramos que históricas diferenças étnicas e linguísticas no interior do atual território ucraniano estão conectadas a diferentes concepções superestruturais de nacionalidade. Do Oeste ao Leste ucraniano, observa-se uma transição gradual: a população torna-se progressivamente menos ucraniana étnica e o uso do idioma ucraniano como língua materna reduz-se, especialmente em contextos urbanos. Essas distinções não são meramente culturais; elas moldam profundamente as concepções de identidade nacional. Enquanto o Oeste privilegia uma visão monista de nacionalismo, o Leste tende a adotar uma abordagem pluralista, ressaltando raízes comuns com povos eslavos e conexões históricas com a Rússia. Tais

divergências são politicamente instrumentalizadas, exacerbando tensões regionais em momentos de instabilidade.

No contexto econômico, essas divisões são parcialmente reforçadas, dado que o Oeste ucraniano possui uma cadeia de produção mais vinculada à UE, com foco em produtos agrícolas de menor valor agregado, ao passo que o Leste se vincula mais estreitamente à Federação Russa, com produtos complexos de maior valor agregado, mas pouco competitivos em mercados fora da CEI. Apesar disso, Moscou e Bruxelas são economicamente indispensáveis para a Ucrânia. O equilíbrio pragmático buscado pelos grandes conglomerados oligárquicos foi ampliado por uma expansão para além de suas regiões de origem, com investimentos em mercados do Leste Europeu e da CEI, além de uma diversificação de setores. Houve, assim, uma amplificação horizontal, nas áreas de atuação, e vertical, no controle de mercados.

Essas divisões, tanto étnicas quanto econômicas, são interligadas com a lógica da revolução passiva, em que os clãs ucranianos se adaptam às pressões externas sem romper com suas estruturas oligárquicas internas, moldando o destino do país. Contudo, o pragmatismo oligárquico encontrou seus limites com o acirramento do embate hegemônico global. Embora não houvesse razões pragmáticas para um rompimento ou privilégio relacional absoluto com qualquer dos atores globais envolvidos, o conflito demonstrou o peso de dinâmicas superestruturais sobre as estruturas econômicas. A influência da UE e da Rússia vai além da esfera política, penetrando profundamente nas cadeias produtivas dentro da Ucrânia. Sob uma lente neo-Gramsciana, percebe-se que essas potências externas não apenas moldam as interações econômicas do país, mas também interferem diretamente na estrutura social e nas relações de classe, criando um desenvolvimento desigual dentro do próprio território ucraniano.

Até 2022, as classes capitalistas transnacionais lucravam com o conflito, especialmente através da penetração de empresas ocidentais na Ucrânia e o acesso aos produtos agrícolas do país. Razões geopolíticas estatais também são bases explicativas do conflito, já que os EUA buscam estrangular um adversário histórico, forçando os russos a um envolvimento prolongado num território pouco importante para Washington, mas essencial para Moscou. Os conflitos entre grupos burgueses e Estados refletem a centralidade dos Estados periféricos no cenário global, evidenciando como desigualdades

internas são instrumentalizadas por potências hegemônicas em disputas de poder. Embora o foco deste artigo tenha sido as dinâmicas internas da Ucrânia até antes de 2022, os eventos subsequentes, com o início da invasão em fevereiro de 2022, corroboram a relevância das divisões étnico-regionais e a influência de fatores transnacionais discutidos ao longo deste trabalho.

A guerra atual evidencia a fragilidade da unidade nacional diante das pressões internas e externas, destacando a necessidade de estratégias inclusivas e pluralistas para interromper o ciclo de instabilidade. Contudo, a reconfiguração do Estado ucraniano tornou-se ainda mais desafiadora com a anexação de grandes partes do leste e sul do território pela Federação Russa, o que redefiniu as dinâmicas territoriais e geopolíticas do país. Nesse cenário, a busca por soluções políticas sustentáveis requer não apenas o enfrentamento das divisões internas, mas também uma abordagem estratégica capaz de equilibrar as tensões entre as potências globais, respeitando as especificidades regionais e a complexidade do processo de transformações econômicas e sociais.

* Artigo recebido em 06 de fevereiro de 2024,
aprovado em 14 de outubro de 2024.

REFERÊNCIAS

- ADAROV, A.; ASTROV, V.; HAVLIK, V.; HUNYA, G. *et al.* **How to Stabilise the Economy of Ukraine**. wiiw Background Study, Vienna, p. 1-100, 2015. Disponível em: <https://wiiw.ac.at/how-to-stabilise-the-economy-of-ukraine-p-3562.html>. Acesso em: 03 Apr 2016.
- CHAPMAN, A. **Ukraine's Chocolate King to the Rescue**. Foreign Policy, 2014. Disponível em: <http://foreignpolicy.com/2014/05/22/ukraines-chocolate-king-to-the-rescue/>. Acesso em: 03 Sep 2023.
- CLARKE, S. Formal and Informal Relations in Soviet Industrial Production. In: CLARKE, S. (Ed.). **Management and Industry in Russia: Formal and Informal Relations in the Period of Transition**. Hants and Vermont: Edward Elgar Publishing Company, 1995. p. 1-27.
- FESENKO, V. Ukraine: between Europe and Eurasia. In: DUTKIEWICZ, P. e SAKWA, R. (Ed.). **Eurasian Integration: The view from Within**. London and New York: Routledge, 2015.
- FINNIN, R. **A Divided Ukraine: Europe's Most Dangerous Idea**. 2014. Disponível em: https://www.huffingtonpost.co.uk/dr-rory-finnin/russia-ukraine_b_5044064.html. Acesso em: 16 Feb 2015.

GILL, S. **Power and Resistance in the New World Order**. New York: Palgrave Macmillan, 2003.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. Second ed. Rio de Janeiro: 2002.

GUSTAFSON, T. **Capitalism Russian-style**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

JACKSON, P. **Ukraine crisis: A guide to Russia's vision of Crimea**. BBC News, Sevastopol, 2014. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-26695808>. Acesso em: 24 Mar 2022.

KOLSTOE, P. **Russians in the former Soviet Republics**. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1995.

LEONARD, P. Ukrainian lawmakers suspend military cooperation with Russia. **Washington Times**, 21 May 2015. Disponível em: <https://www.washingtontimes.com/news/2015/may/21/ukrainian-lawmakers-suspend-military-cooperation-w/>. Acesso em: 03 Dec 2024.

MATUSZAK, S. **The Oligarchic Democracy: The Influence of Business Groups on Ukrainian Politics**. Warsaw: Centre For Eastern Studies (OSW), 2012. (OSW Studies, v. 42).

MOMMEN, A.; VALUEV, V.; GOLUNOV, S. The Kremlin and the Oligarchs clashing Economic Interests in Russia. In: JILBERTO, A. E. e Hogenboom, B. (Ed.). **Big Business and Economic Development: Conglomerates and Economic Groups in Developing Countries and Transition Economies under Globalisation**. USA and Canada: Routledge, 2007. cap. 15, p. 343-377.

MORTON, A. D. **Unravelling Gramsci: Hegemony and Passive Revolution in the Global Political Economy**. London: Pluto Press, 2007.

PIJL, K. V. D. **Transnational Classes and International Relations**. London and New York: Routledge, 2005. (The RIPE Series in Global Political Economy).

PIJL, K. V. D. **Ukraine: between East and West. Report for the NO campaing in the Dutch Referendum on the EU-Ukrainian Association Agreement**. University of Sussex. 2016.

PLANK, C. The agrofuels project in Ukraine: how oligarchs and the EU foster agrarian injustice. In: PICHLER, M.; STARITZ, C., et al (Ed.). **Fairness and justice in Natural Resources Politics**. London and New York: Routledge, 2016.

PWC. **Despite Concerns about Governance, Ukrainians Want to Remain One Country: Many Leery of Russian Influence, as Putin Gets Boost at Home**. Pew Research Center, 2014. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/global/2014/05/08/despite-concerns-about-governance-ukrainians-want-to-remain-one-country/>. Acesso em: 13 Mar 2022.

RAMOS, L. Gramscian IPE. In: VIVARES, E. (Ed.). **The Routledge Handbook to Global Political Economy: Conversations and Inquiries**. New York and Oxon: Taylor & Francis, 2020. cap. 15, p. 262-277.

SAKWA, R. **Frontline Ukraine: Crisis in the borderlands**. London, New York: I.B.Tauris, 2016.

TRADING ECONOMICS. **European Union Imports from Ukraine**. 2020. Disponível em: <https://tradingeconomics.com/european-union/imports/ukraine>. Acesso em: 01 Aug 2022.

UKRAINE. All-Ukrainian population census. 2001.

VORONIN, M. **Russians are buying up Ukrainian metal plants.** LB.UA, 2010. Disponível em: https://lb.ua/economics/2010/01/18/19940_rossiyane_skupayut_ukrainskie_metz.html. Acesso em: 18 Feb 2015.

WB. The World Bank Data. 2022.

WIKILEAKS. **Ukraine: IUD's Taruta on regions, elections, and gas deals.** 2007. Disponível em: http://www.wikileaks.org/plusd/cables/07KYIV2286_a.html. Acesso em: 11 Feb 2024.

YURCHENKO, Y. **Capitalist bloc formation, transnationalisation of the state and the transnational capitalist class in post-1991 Ukraine.** 2013. -, University of Sussex Disponível em: http://sro.sussex.ac.uk/id/eprint/47118/1/Yurchenko%2C_Yuliya.pdf. Acesso em: 04 Feb 2023.

ZON, V. H. The rise of Conglomerates in Ukraine: The Donetsk Case. In: JILBERTO, A. E. e HOGENBOOM, B. (Ed.). **Big Business and Economic Development: Conglomerates and Economic Groups in Developing Countries and Transition Economies under Globalisation.** USA and Canada: Routledge, 2007. cap. 16, p. 378-397.